

Conselho, que atualizará as estatísticas e demais dados e informações constantes da obra e providenciará para sua ilustração com desenhos, mapas, fotografias atualizadas, os melhores possíveis.

Verifica-se daí que a preocupação do Conselho é oferecer ao público, sem afogadilho, uma literatura séria, cuidada, cientificamente orientada, atualizada.

Sobre as obras que constituirão as contribuições iniciais da "Biblioteca", o seu diretor informou que o engenheiro ALBERTO RIBEIRO LAMEGO já ofereceu dois notáveis trabalhos de geografia regional da Baixada Fluminense, intitulados: *O homem e o brejo* e *O homem e a restinga*, ambos de grande valor científico e magnificamente ilustrados.

A *Geografia do Brasil Holandês* é uma lavra excelente do grande intelectual LUIZ DA CÂMARA CASCUDO, que a Biblioteca divulgará.

O engenheiro MOACIR SILVA dará uma valiosa *Geografia dos Transportes*

no Brasil, em reedição revista e aumentada dos seus excelentes artigos nesta REVISTA.

O ensaio do professor PIERRE DEFONTAINES também publicado nesta REVISTA, intitulado *Geografia Humana do Brasil* sairá revisto e atualizado pela repartição central do Conselho, que, por sua vez contribuirá para a Biblioteca com os seguintes trabalhos: *Anuário Geográfico do Brasil — 941, Bibliografia geográfica do Estado de Goiás, Divisão Regional do Brasil, O Conselho Nacional de Geografia — finalidades, estrutura, realizações, deliberações e Catálogo de coordenadas geográficas selecionadas.*

Vários outros trabalhos, de grande valor, não podem ser agora anunciados, porque os entendimentos com os respectivos autores ainda não chegaram ao seu termo.

Estão aí os principais esclarecimentos sobre o importante empreendimento cultural do Conselho Nacional de Geografia, prestados pelo seu secretário Geral ao público, através da imprensa desta capital.

CURSO DE CARTOGRAFIA DO C. N. G. DESTINADO AOS FUNCIONÁRIOS DAS REPARTIÇÕES ESTADUAIS

Na "Sala Varnhagen" do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro teve lugar, no dia 17 de Agosto último, a instalação solene do Curso de Cartografia, destinado ao aperfeiçoamento técnico dos desenhistas e cartógrafos das repartições estaduais pertencentes ao sistema estatístico-geográfico nacional.

O curso será intensivo e terá a duração de dois meses sendo nele ministrado, segundo o programa organizado, noções fundamentais da técnica cartográfica, devendo, após o curso, ser possibilitado aos respectivos alunos, cujo número atinge a 23, o prosseguimento das lições, por meio de correspondência a ser mantida com os professores do curso.

Naquele dia, perante os dirigentes e demais funcionários dos três colégios que integram o sistema estatístico-geográfico nacional, em sessão solene presidida pelo Sr. HEITOR BRACET, presidente eventual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizou-se a inauguração desse curso.

Abrindo a sessão, o Sr. HEITOR BRACET convidou para tomarem parte na mesa os Srs. ministro BERNARDINO DE SOUSA, M. A. TEIXEIRA DE FREITAS, CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO e professor CÂN-

DIDO MELO LEITÃO. Em seguida, congratulou-se com todos pela presença na reunião do ministro BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA, ressaltando a sua projeção nos meios geográficos, seja como autor de valiosos trabalhos seja como presidente que foi do IX Congresso Brasileiro de Geografia, o convida para assumir a presidência dos trabalhos.

O Ministro BERNARDINO DE SOUSA, ao assumir a presidência deu a palavra ao engenheiro LEITE DE CASTRO, secretário geral do Conselho Nacional de Geografia e, nessa qualidade, diretor do curso que se ia instalar, o qual falou sobre a necessidade que se vinha sentindo nos meios técnicos de ser criado um curso desse gênero. Disse dos ótimos resultados colhidos com o curso de cartografia organizado para os funcionários do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica e leu o texto da Resolução do Diretório que baixou instruções para o curso cujas atividades didáticas desdobram-se nos seguintes setores:

1) "Cartografia", sob a orientação do prof. RUDOLF LANGER, chefe do Grupo Cartográfico e Histórico do Exército; 2) "Topografia e Noções de Projeções Cartográficas", sob a orientação

do prof. ALÍRIO DE MATOS, catedrático de "Astronomia de Campo e Geodésia" da Faculdade Nacional de Engenharia; 3) "Aspectos Fundamentais da Corografia do Brasil", sob a orientação do prof. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, chefe da Secção de Estudos Geográficos da repartição central do Conselho Nacional de Geografia; 4) "Leitura e Interpretação de Cartas. Morfologia prática", sob a orientação do prof. FRANCIS RUELLAN, catedrático de geografia da Faculdade Nacional de Filosofia; 5) visitas aos serviços federais de geografia e cartografia, a cargo da Secretaria do Conselho.

Apresentando a seguir os professores, enaltecendo-lhes o mérito, concluiu o engenheiro LEITE DE CASTRO, propondo que fôsse concedida a palavra aos mesmos, para que cada um deles fizesse uma leve exposição sobre a orientação que dariam às suas aulas.

Exposição do professor de cartografia Concedida a palavra ao professor RUDOLF LANGER, lente de desenho cartográfico do curso, êsse, em resumo disse:

"Recebi a honrosa incumbência de lecionar nesse curso a parte de cartografia.

O tempo que temos à nossa disposição é limitado e não se pode esperar educar, neste prazo, cartógrafos, nem

habilitar os alunos na execução de desenhos cartográficos rigorosos.

Mas, aproveitando-se bem os dois meses, os alunos poderão adquirir conhecimentos gerais que facilitarão o desempenho de sua atividade prevista, e servirão de base para um eventual aperfeiçoamento futuro.

Tendo em vista êsse fim, supponho o programa de maneira seguinte:

Vamos fazer o estudo a respeito de escalas de mapas e escalas gráficas;

sobre a organização de uma fôlha topográfica e carta compilada; sobre a quadrícula.

Vamos fazer estudos sobre a planimetria, a hidrografia e a representação do relêvo do terreno;

construção de moldura e construir, medir ângulos;

medir distâncias sobre cartas, mediante compasso e o curvimetro.

Vou orientar os alunos sobre o procedimento na execução de trabalhos cartográficos.

Vamos estudar os processos mecânicos e gráficos para reduções e ampliações e os aparelhos e meios auxiliares a êste fim: o pantógrafo, o compasso de redução, o transferidor e a quadrícula.

Vamos estudar as medidas métricas de comprimento e de áreas.



Dois aspectos da cerimônia da instalação do "Curso de Cartografia" do C.N.G. No plano superior a mesa que dirigiu os trabalhos, sob a presidência do ministro BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA. O clichê do plano inferior mostra uma parte da assistência.

No fim, uma pequena orientação sobre material de desenho, e meios de fazer correções sobre papel de desenho, papel vegetal e tela completará este meu programa.

Nos exercícios a nanquim penso incluir um alfabeto de letras simples para os alunos se capacitarem de escrever a nomenclatura de um trabalho cartográfico com toda a clareza.

Organizaremos desenhos, mostrando a representação da planimetria, da hidrografia e da orografia representada por curvas de nível.

Como se vê, uma infinidade de coisas úteis aos futuros auxiliares deste Conselho.

O programa é tirado da prática e nada tem de assustador, mas para conseguir neste prazo resultados visíveis e reais, será indispensável dedicação, esforço e capricho por parte dos alunos.

Neste sentido depois de amanhã, iniciaremos o trabalho".

Exposição do professor de corografia do Brasil Após a exposição do professor LANGER, falou o Prof. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, encarregado da direção da cadeira "Aspectos fundamentais da corografia do Brasil". A sua exposição foi a seguinte:

"Designado pelo Sr. presidente do Instituto para reger a cadeira de "Aspectos fundamentais da corografia do Brasil", cumpre-me expor a orientação que será dada ao ensino dessa disciplina.

É bastante natural que se façam, preliminarmente, as seguintes perguntas: Num curso de cartografia serão realmente necessárias tais noções sobre corografia do Brasil? Não será possível ser-se bom cartógrafo, sem ser-se geógrafo?

Muitos responderiam talvez afirmativamente à segunda pergunta. A verdade é que ainda há um certa separação entre os dois gêneros de atividade. Dum lado, os geógrafos; doutro, os que se dedicam à organização de cartas: topógrafos e cartógrafos.

Em sua excelente obra *Les Sciences Géographiques*, salienta CAMILLE VALLAUX o "divórcio entre a geografia e os elementos de cálculo exato sobre os quais ela é fundada". As cartas eram levantadas e desenhadas por especialistas que não tinham contacto estreito com os geógrafos. Os topógrafos e os cartógrafos surgiam do círculo dos matemáticos, dos engenheiros ou dos auxiliares destes. Os geógrafos, por sua vez, em geral não sabiam fazer levantamentos e desenhar cartas. Entretanto, como

bem afirma VALLAUX, "a carta é o documento básico indispensável para a geografia, e não são os geógrafos que a organizam". Trata-se "duma separação do trabalho que é bastante curiosa e única na história das ciências". Com efeito, um naturalista não encarrega outros especialistas de organizar suas coleções, nem o químico deixa de fazer ele próprio seus trabalhos de laboratório.

As razões dessa separação estão talvez na maneira como evoluiu a ciência geográfica. Até inícios do século XIX, a geografia era apenas nomenclatura e descrição. Os geógrafos não mereciam ser incluídos no círculo dos homens de ciência e a única parte que realmente tinha caráter científico — a chamada geografia matemática — era deixada a cargo dos matemáticos e dos astrônomos.

Grande, porém, foi a transformação sofrida durante o último século, desde os trabalhos de HUMBOLDT e de RITTER, fundadores da geografia moderna. Hoje a geografia é ciência dado o seu caráter explicativo e o seu objeto, estudo da correlação entre fenômenos que se distribuem na superfície terrestre.

A separação continua a existir, porém, entre as duas atividades, e talvez assim tenha de ser sempre, pois, dado o seu vasto campo de estudos, não pôde o geógrafo dedicar-se à cartografia. Mas que, em vez de separação, haja união entre cartógrafos e geógrafos. Mantenha-se a divisão de trabalho, mas com estreito contacto entre uns e outros. É esta a tendência atual. O geógrafo deve conhecer o suficiente de cartografia e o cartógrafo precisa ter noções de geografia, afim de que ambos se entendam.

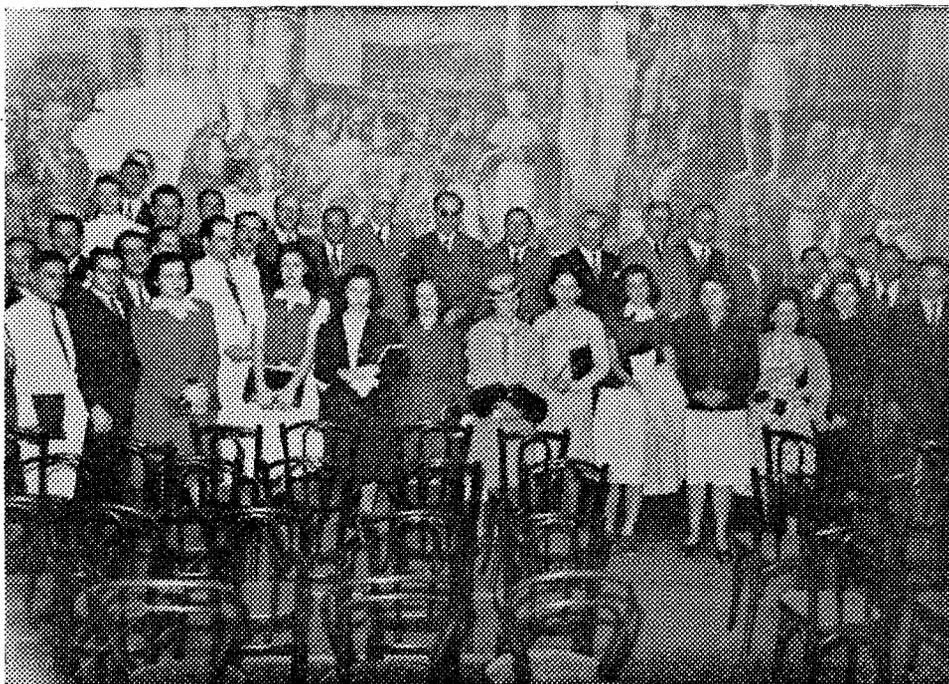
Grande parte dos erros correntes sobre a geografia do Brasil resulta dessa falta de entendimento. Consultando-se bons trabalhos sobre o nosso território, verifica-se com frequência, pela leitura do texto, que os autores tem exata compreensão da realidade; as descrições e as interpretações são corretas, mas as cartas são muitas vezes deploráveis. Não conhecendo bem a técnica cartográfica, contentam-se os geógrafos, em tais casos, com uma representação imperfeita da realidade, que no entanto está tão claramente descrita no texto. Na ignorância de noções fundamentais de geografia, tornam-se os cartógrafos, por sua vez, responsáveis pela generalização de idéias errôneas sobre os aspectos geográficos do país. Isso se dá principalmente quanto às formas do relevo. É muito comum, por exemplo, a confusão entre serras e divisores de águas, havendo a tendência, da parte dos cartógrafos, de

representarem serras fictícias envolvendo continuamente as bacias hidrográficas. A má representação cartográfica é a principal causadora de tantas idéias falsas a respeito da configuração vertical do país.

A obra do Conselho Nacional de Geografia para o melhor conhecimento do nosso território visa especialmente o aperfeiçoamento da representação cartográfica. Dentre as muitas campanhas empreendidas para esse fim, destaca-se a campanha da coordenada geográfica, empreendida após a realização dum curso prévio de aperfeiçoamento de profissionais. É digno de nota o interesse cada vez maior que os engenheiros encarregados do levantamento de coordenadas tem dispensado à geo-

apenas ao que se sabe quanto ao território, mas também aos problemas que ainda se apresentam. É de esperar-se que um útil trabalho de colaboração será mantido após a conclusão do curso, quando os alunos voltarem aos seus Estados. Pretendemos, assim, dar, para receber depois.

Os funcionários estaduais, uma vez a par dos modernos rumos da geografia no Brasil, poderão enviar-nos informações valiosas. Contribuição das mais importantes refere-se, por exemplo, aos termos geográficos regionais, relativos às formas de relevo, ao revestimento florístico, aos tipos de povoamento, etc. O desconhecimento do verdadeiro sentido com que são usados esses termos nas diversas regiões, tem contribuído



O cliché mostra, em conjunto, as pessoas que compareceram à solenidade da instalação do "Curso de Cartografia".

grafia, além dos trabalhos essenciais que estão a seu cargo. O Conselho tem assim iniciado entre nós a obra de aproximação entre os profissionais da geografia matemática e os geógrafos propriamente ditos. Mais um passo é dado hoje nesse sentido, com a inauguração deste curso de cartografia destinado aos funcionários das repartições geográficas estaduais.

A finalidade das lições sobre "Aspectos fundamentais da corografia do Brasil" não será assim apenas fornecer informações sobre a geografia pátria, mas também o estabelecimento dum maior contacto entre cartógrafos e geógrafos. As aulas não dirão respeito

para que surjam muitos erros geográficos. O termo "espigão mestre", por exemplo, que em Goiás tem o sentido de "divisor de águas", é interpretado erradamente por muitos como significando "serra", "crista". O vocabulário de termos geográficos, que será organizado pelo Conselho, muito se enriquecerá se contar com a colaboração dos funcionários estaduais que ora seguem este curso.

Outra finalidade, que terão as lições de corografia, será a de orientar os alunos quanto aos meios de aperfeiçoarem os seus estudos, posteriormente. Serão dadas informações sobre as fontes de consulta, isto é, sobre a

bibliografia e as repartições e instituições que realizam trabalhos e editam publicações geográficas.

Quanto à parte propriamente de conteúdo, dada a exiguidade do prazo (pois o curso constará apenas de nove aulas), é claro que deverá ser dada preferência, não aos pormenores, mas sim às grandes vistas de conjunto, aos "aspectos fundamentais", como bem diz a denominação da cadeira. O curso terá assim um caráter muito mais de síntese do que de análise.

A matéria, considerando-se apenas as partes mais importantes, terá a seguinte distribuição, cabendo cinco aulas à geografia física e quatro a geografia humana e econômica:

Geografia física (5 aulas)

- 1.^a Extensão e posição — Formação geológica.
- 2.^a Relêvo.
- 3.^a Litoral — Hidrografia.
- 4.^a Clima — Vegetação.
- 5.^a Regiões naturais.

Geografia humana e econômica (4 aulas)

- 6.^a Formação das fronteiras — Povoamento — População atual.
- 7.^a Produção mineral.
- 8.^a Produção vegetal e animal.
- 9.^a Indústria — Viação — Comércio.

Cada aula obedecerá ao seguinte plano:

- a) Noções de geografia geral (tipos, classificação).
- b) Corografia do Brasil.
- c) Fontes (bibliografia, centros de trabalhos geográficos).
- d) Problemas atuais (a contribuição futura dos alunos)."

Exposição do professor de Topografia e noções de projeções cartográficas A exposição do professor ALFRIIO DE MATOS sobre as normas a serem adotadas no ensinamento da especialidade que lhe foi confiada foi assim resumida:

"A iniciativa ora tomada pelo Conselho Nacional de Geografia de abrir um curso para os cartógrafos que trabalham nos serviços geográficos estaduais, é uma das muitas iniciativas felizes.

Com efeito, depois que o Conselho Nacional de Geografia tomou a si a tarefa da atualização do mapa do Brasil ao milionésimo, da uniformização da cartografia brasileira; depois que o Con-

selho Nacional de Geografia estabeleceu o regime de cooperação intensiva em tôdas as espécies de trabalhos com os serviços estaduais, esta iniciativa era um complemento necessário, para a efetivação da uniformização de todos os trabalhos.

Os cartógrafos ou candidatos a cartógrafos que ora se apresentam teem como objetivo a aquisição dos conhecimentos indispensáveis e o aperfeiçoamento desses conhecimentos.

Não basta, por conseguinte, ensinar-lhes o traçado das linhas perfeitas, não basta fazer deles simples desenhistas: é preciso que eles adquiram certos conhecimentos complementares que lhes confirmem uma consciência perfeita das suas aptidões.

Entre êsses conhecimentos complementares figura o da topografia, de que me foi dada a incumbência de lecionar.

Não se trata evidentemente de um curso extensivo, destinado a topógrafos. Trata-se apenas de fornecer uma quantidade de conhecimentos fundamentais que habilitem o cartógrafo a saber interpretar convenientemente as cadernetas de levantamentos dando-lhes o critério suficiente para caracterizar os erros ou enganos que porventura existam.

É necessário, portanto, que o cartógrafo conheça, pelo menos em essência, os métodos e instrumentos usados, sem que entretanto lhes seja exigido um conhecimento profundo dessa disciplina.

Sobre o programa a ser lecionado, não posso dar no momento maiores detalhes, tratando-se de pessoas vindas de diferentes Estados; desconheço por enquanto o nível dos seus conhecimentos. É possível que, após duas ou três aulas, depois de um contacto mais direto com todos os alunos, eu possa adotar um critério nesse sentido, critério êsse que deve ser compatível com o nível dos conhecimentos. Como complemento do estudo da topografia, segue-se o estudo das projeções de cartas.

Como os cartógrafos se destinam aos trabalhos nos mapas dos seus Estados, é evidente que não podem ignorar esta parte. Não se trata, como no caso da topografia, de dar um curso completo, que exigiria um espaço de tempo bastante longo, mas de fornecer os conhecimentos básicos para que eles compreendam e trabalhem com dois ou três tipos de projeção que a tanto se reduzem os usados no Brasil.

Dentro do horário, a saber, uma aula semanal, e dentro do prazo de dois meses, que é o fixado pela Resolução do D. C., é o máximo que se pode fazer. E se todos os candidatos satis-

fizerem às condições, teremos sem dúvida, um aperfeiçoamento notável dado aos novos profissionais."

Exposição do professor da cadeira de "Leitura e interpretação de cartas. Cartografia e Estatística. Morfologia prática"

Por fim, foi dada a palavra ao professor FRANCIS RUELLAN que discorreu sobre os pontos fundamentais que irá ministrar na cadeira sob sua orientação. O resumo da palestra do professor RUELLAN foi o que se segue:

"Encarregou-me o Sr. Dr. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário geral do Conselho Nacional de Geografia, de ensinar geomorfologia prática, bem como de exercitar a leitura e interpretação de cartas no curso de aperfeiçoamento de desenhistas-cartógrafos. Tais ensinamentos requerem algumas explicações.

Não cogito, é claro, de discorrer sobre a geomorfologia em 8 ou 10 lições; aliás isto não apresentaria nenhum interesse prático. O objetivo desta cadeira é dar um bom conhecimento das formas do terreno afim de permitir melhor traduzi-las sobre as cartas.

O primeiro cuidado que então vem ao espírito é habituar o cartógrafo a distinguir bem as relações entre as formas do terreno e o sub-solo.

Desde muito tempo veem os cartógrafos franceses se preocupando com este objetivo. O general NOEL desde 1895 publicou sua magistral obra sobre *Formas do terreno* que o general BERTHAUT completou em 1909-1910 com seus 2 volumes sobre *Topologia ou estudo do terreno*, seguidos do *Materiais de estudo topológico* publicados nas "Atas do serviço geográfico da Armada".

A topologia ou estudo das relações entre as formas do terreno e a estratigrafia será portanto uma das bases de nosso trabalho. Até mesmo um afloramento dá na realidade à paisagem uma continuidade de aspecto que é importante apreender para bem traduzi-la cartograficamente. Não é menos importante compreender os contrastes que a passagem de uma camada geológica a outra introduz no modelado. Assim, nas regiões dobradas, as bordas das rochas duras formam alinhamentos de cumes que se seguem por centenas de quilômetros. Será necessário insistir, por exemplo, sobre a importância topográfica dos calcários urgonianos nos Alpes ou dos quartzitos itacolumitos no Brasil?

Hoje, portanto, a topologia não seria suficiente porque a experiência geográfica prova que a estratigrafia não explica tôdas as formas de terreno. Os recentes progressos da geomorfologia

mostraram que a mineralogia, a petrografia, a tetônica, o vulcanismo e a sismologia tinham grande influência sobre as formas superficiais que por outro lado dependem das ações de decomposição e das erosões provocadas pelas águas, pelas geleiras, pelo vento ou pelo mar e pondo em jôgo por conseguinte, a climatologia e a oceanografia, sem falar das modificações que o próprio homem introduz na paisagem.

É a esta ciência complexa que se chama geomorfologia, na qual vou tentar iniciar-vos.

Mas esta iniciação observará um caráter prático, qual seja o de sempre fazer seguir o estudo arrazoado de cada categoria de formas de um estudo sobre a melhor maneira de representá-las. Veremos sucessivamente as formas devidas à natureza das rochas e as que são a consequência de sua desagregação e decomposição, então começaremos o estudo do ciclo de erosão fluvial conjugado ao das influências estruturais das dobras, falhas e fraturas e dos fenômenos vulcânicos. Abordaremos em seguida as formas devidas ao vento e as que são produto da erosão e acumulação marinhas. Neste curso, não falarei da erosão pelas águas subterrâneas e até que ponto êle influe sobre a topografia e deixarei de lado a erosão glacial que não tem objeto prático no Brasil. Terminaremos finalmente pelo estudo dos grandes tipos de relevo: planícies, planaltos, montanhas, analisando as influências complexas que atuam sobre suas formas.

A segunda parte do encargo que me foi confiado compreende o ensino da leitura e interpretação de cartas topográficas e geográficas. Ela tem em vista ensinar a ler e a interpretar o relevo pelo simples exame das cartas. Quer dizer que as noções adquiridas em geomorfologia terão uma importância considerável e serão consolidadas por exemplos tirados das cartas brasileiras e estrangeiras e pelo exame de fotografias e blocos-diagramas. Dêste modo será possível fazer um estudo crítico dos tipos de representação cartográfica adotados para as diversas formas de relevo. Os cortes mostrando as relações da estrutura e do relevo, perfis de rios, blocos-diagramas perspectivos de redes retangulares de cortes virão completar estes trabalhos. Veremos em seguida os processos mais práticos para a construção dos relevos. Enfim, acrescentarei algumas indicações sobre o modo de traçar as cartas geomorfológicas e também, de acôrdo com um desejo que me foi expresso, mostrarei as diversas maneiras de representação cartográfica dos fenômenos demográficos e econômicos.

Para ser dado completo, um tal programa exigiria mais de 8 ou 10 lições.

Isto significa que serei obrigado a andar depressa e a pedir aos alunos que completem o curso com o trabalho pessoal durante e após a aula.

Terminando, eu lembro que este curso deve atender a familiarizar o cartógrafo com as formas de terreno que terá ocasião de encontrar e a lhe fazer compreender sua gênese afim de que ele aprenda as diferenças duma forma para outra que assinalam condições ou diferentes fases da evolução.

Em nossas excursões, aprenderemos a fazer *croquis* panorâmicos úteis à representação das formas, utilizaremos principalmente a câmara clara. Enfim, para acentuar este caráter prático, terei cuidado de não esquecer que sois cartógrafos brasileiros, destinados a trabalhar na carta do Brasil e que, se as comparações com os países estrangeiros

podem ser úteis, é antes de tudo aos exemplos brasileiros que precisamos referir o ensino essencial.

Espero assim contribuir com uma parte modesta para a obra admirável em que prossegue o Conselho Nacional de Geografia sob a presidência do Sr. embaixador MACEDO SOARES e sob a direção de seu ativo secretário geral, o Sr. CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO".

Encerrando a sessão, o ministro BERNARDINO DE SOUSA pronunciou erudita alocução sobre o curso que acabara de ser instalado, pondo em relevo a personalidade do saudoso geógrafo brasileiro TEODORO SAMPAIO que, além de geógrafo propriamente dito, era excelente cartógrafo. Terminou o ministro BERNARDINO DE SOUSA concitando os alunos a fazerem o curso com o máximo de dedicação, para dessa maneira concorrerem para o maior aperfeiçoamento da geografia do país.

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E CADASTRO DE GOIAZ

O Sr. PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA, Interventor Federal no Estado de Goiaz baixou, em 10 de Julho do ano em curso, o decreto-lei n.º 5 896 que criou o Departamento de Geografia e Cadastro do Estado de Goiaz.

Estabelece o art. 1.º dêsse decreto que, além do gabinete do diretor, o referido Departamento se constitua das quatro seguintes secções: de Administração; de Cartografia; de Terras; e de Topografia.

Definindo as atribuições geográficas do órgão recém-criado o decreto estabelece nas alíneas *a* e *b* do seu art. 2.º que o D.G.C. terá a seu cargo o levantamento da carta geográfica do Estado de Goiaz e a elaboração de estudos locais de geografia física, econômica e política.

Foi nomeado para exercer o cargo de diretor do novo Departamento o Sr. HUMBERTO LUDOVICO DE ALMEIDA, antigo chefe do Serviço de Cadastro Imobiliário, que foi extinto naquela data.

X CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

A Comissão Organizadora Central do X Congresso Brasileiro de Geografia vem desenvolvendo, em suas constantes reuniões, interessante plano de trabalho no sentido de que o grande certame científico-cultural a realizar-se na capital do Pará, entre os dias 7 e 16 de Setembro de 1943 alcance o brilhantismo a que teem atingido os conclave anteriores.

A Comissão Organizadora Central, que se reúne na Praça da República n.º 54, 2.º andar, nesta capital, é composta das seguintes personalidades: ministro JOÃO SEVERIANO DA FONSECA HERMES, presidente de honra; professor FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABAGLIA, presidente; general EMÍLIO FERNANDES DE SOUSA DOCA, vice-presidente; eng.º

CRISTÓVÃO LEITE DE CASTRO, secretário geral; prof. MURILO DE MIRANDA BASTO, 1.º secretário; prof. GERALDO SAMPAIO DE SOUSA, 2.º secretário; Dr. CARLOS AUGUSTO GUIMARÃES DOMINGUES, tesoureiro; Dr. MÁRIO AUGUSTO TEIXEIRA DE FREITAS, comandante ANTÔNIO ALVES CÂMARA Jr., cel. FRANCISCO DE PAULA CIDADE e eng.º ANÍBAL ALVES BASTOS, vogais; e comandante ARI DOS SANTOS RANGEL e eng.º JOSÉ FIÚSA DA ROCHA, suplentes. As instituições culturais estão representadas pelo cel. JAGUARIBE DE MATOS, professores PIERRE MONBEIG, MÁRIO CAMPOS RODRIGUES DE SOUSA, JOSÉ GABRIEL LEMOS BRITO e Dr. RUI DE ALMEIDA.